

Apresentação

Quando, em 2007, nos propusemos a retomar o Inventário das Fazendas do Vale do Paraíba Fluminense em escala muito superior aos realizados anteriormente, tínhamos alguns objetivos:

- O aprofundamento dos estudos relacionados à arquitetura rural fluminense do ciclo do café e de suas estruturas produtivas e sociais;
- O reconhecimento da sua importância histórica e socioeconômica na ocupação do território e na conformação da paisagem cultural da região;
- A divulgação desse conhecimento e do seu potencial como elemento indutor ao fomento do turismo cultural;
- A disponibilização, na Internet, de todo o material produzido, das Fichas de Inventário ao Manual de Conservação Preventiva, passando por referências bibliográficas, iconográficas e arquivísticas, além de textos autorais, assinados por consultores especialistas em diversas áreas do conhecimento, que auxiliassem na compreensão do universo estudado;
- A produção de resultados que permitissem aos governos em todas as instâncias, pesquisadores, professores, alunos, comunidades locais e aos profissionais em geral, nas mais diferentes áreas de atuação, traçar, em maior ou menor escala, planos, programas e projetos de desenvolvimento para as regiões contempladas pelo Inventário embasados nas informações coletadas.

Em 2008 e 2009, foram realizadas as duas primeiras fases deste projeto, totalizando a identificação, o registro fotográfico e o levantamento arquitetônico e histórico de mais de 180 fazendas.

Ao iniciarmos a terceira fase, para 2010, optamos pela extensão territorial da pesquisa, objetivando prosseguir no estudo dos demais eixos de ocupação e de crescimento da economia cafeeira, agora acompanhando o leito do velho Paraíba e de seus afluentes e vales em direção à região serrana e ao noroeste do nosso estado.

Com isso, identificamos e adicionamos às unidades de fazendas dos primeiros 25 municípios mais 50 propriedades, com sede em mais dez municípios, cobrindo o estado de Resende a Natividade.

Nosso propósito, na fase que ora encerramos, era aprofundar o estudo nessas novas áreas e divulgar outras regiões menos conhecidas, mas igualmente importantes do ponto de vista histórico e econômico da agroindústria cafeeira, e que ultrapassa as fronteiras do já reconhecido “Vale do Café”, denominação incorporada em nosso estado (e quase como sinônimo) à região do Médio Paraíba, certamente por mérito, mas não de forma excludente ao restante do Vale do Paraíba fluminense.

E, também, aproveitar a oportunidade de mostrar outras realidades, maximizando a representatividade do conjunto total inventariado nos três anos, uma vez que intuíamos uma diferença significativa de visibilidade e potencial de revitalização entre as fazendas já inventariadas nas duas primeiras fases e estas que agora foram acrescentadas.

Como se trata de conjuntos rurais mais distantes da cidade do Rio de Janeiro e dos locais de residência das equipes técnicas capacitadas e com as quais trabalhávamos no interior do estado, o número de fazendas desta terceira fase foi menor. Porém sua diversidade nos permitiu cumprir nosso objetivo: oferecer à comunidade científica e aos formuladores de políticas públicas uma amostra significativamente mais representativa desse universo de estudo e dos desafios em relação à sua preservação, valorização e inclusão em roteiros culturais e turísticos já tradicionais.

Mais que cumprido, esse objetivo nos impeliu a um questionamento constante sobre os rumos que poderiam ser dados a este riquíssimo patrimônio, somando-se aos questionamentos já acumulados nas etapas anteriores. Esta terceira fase evidenciou uma necessidade imperiosa de encarar tais desafios e procurar respostas econômicas para os questionamentos que todos os envolvidos no processo vêm fazendo, quando das visitas e entrevistas com proprietários:

- Como recuperar as fazendas?
- Como inserir essas propriedades novamente na cadeia produtiva do estado do Rio, sem fazê-las perder sua identidade?
- Como tornar o valor cultural e histórico – intangível – dessas fazendas um valor verdadeiramente agregado a uma ou várias atividades econômicas que lhes garantam a autossustentabilidade e a preservação?
- Quais seriam os mecanismos de financiamento disponíveis no Brasil de hoje que pudessem fomentar esse processo de revitalização?

Para responder essas perguntas, convidamos **José Arnaldo Deutscher**, economista, cuja tese de doutorado na COPPE / UFRJ estuda a importância dos ativos intangíveis na criação de valor das empresas e redução dos riscos de financiamentos.

José Arnaldo reuniu-se por diversas vezes com a nossa equipe de coordenação como também ouviu proprietários, profissionais de campo do projeto e participou de encontros promovidos com técnicos e especialistas do BNDES. Paralelamente, pesquisou iniciativas de sucesso em nível nacional e internacional.

O resultado do trabalho, que não por acaso ganhou o nome de **Projeto TERRATORIUM**, igualmente não por acaso, é uma proposta. Trata-se de uma ideia para a elaboração de um estudo de viabilidade econômica para a sustentabilidade deste patrimônio, através da identificação de *clusters*: seus agentes econômicos, suas vocações produtivas, seu potencial de governança e, principalmente, a construção de um modelo produtivo que use a identidade e o patrimônio rural com base para o estabelecimento de núcleos produtivos sustentáveis.

Esperamos que esse estudo possa se materializar num futuro bem próximo, seja como mais uma fase do Inventário, através da Lei de Incentivo à Cultura, seja como um programa abraçado pelas instituições de fomento em âmbito federal, estadual e municipal. Mais ainda, esperamos a implementação efetiva do Plano de Sustentabilidade a ser construído, que representará um resultado concreto e tangível do esforço de inventário realizado até agora. Paralelamente, nesta terceira fase, seguindo com a proposta inicial de convidar colaboradores de diversas áreas do conhecimento, para enriquecer o nosso estudo com a inclusão de temas relacionados a esse período de formação de nossa identidade cultural, havia, ainda, uma importante meta a ser alcançada.

Produzir um texto que permitisse ao leitor perceber a dimensão da agroindústria cafeeira dentro da dinâmica imperial, a partir da análise e interpretação dos documentos produzidos pelo Projeto de Inventário, proporcionando um “mergulho” na história política e social que serviu de cenário aos diferentes “mundos da fazenda”.

Segundo as palavras da historiadora Mariana Muaze em nossas conversas iniciais, quando convidada para enfrentar conosco este desafio, tratava-se de procurar montar algumas peças do imenso “quebra-cabeça” que permeou a história da região do Vale do Paraíba fluminense durante o Oitocentos.

Para nossa satisfação, o objetivo de que este texto – intitulado ***O Vale do Paraíba fluminense e a dinâmica imperial*** – adquirisse o *status* desejado de refletir e desvendar um pouco da complexidade das relações humanas travadas nesses “mundos da fazenda” – que em termos materiais chegaram a nós através das suas arquiteturas e dos seus espaços de viver – também foi atingido com mérito, demonstrando por parte de sua autora sensibilidade e conhecimento do tema.

Somando-se ao escrito de Mariana Muaze, surgiu, ainda, outra importante oportunidade. Agregar ao projeto mais uma contribuição valiosa e instigante, abrindo-se uma porta para um tema pouco conhecido e que há muito vem sendo estudado pelo historiador e crítico da arte, especialista em pintura brasileira do século XIX, **Carlos Roberto Maciel Levy** sobre *Johann Georg Grimm*.

O texto elaborado por Carlos Levy – ***Johann Georg Grimm e as Fazendas de Café*** – oferece aos nossos leitores a aproximação com um personagem histórico que transitou com seu “olhar” privilegiado pelos “mundos das fazendas”, registrando-o de forma excepcional em suas pinturas – seja do ponto de vista artístico ou documental – e que teve um papel fundamental na formação de uma geração de jovens pintores nas últimas duas décadas do século XIX.

A intimidade que cada um desses três autores convidados tem em suas respectivas áreas de conhecimento é facilmente percebida na qualidade dos conteúdos expostos e, em especial, na capacidade de “acender” a curiosidade sobre cada um dos temas abordados, e neste sentido aqui fica um agradecimento especial.

Expressamos também o reconhecimento ao trabalho incansável desenvolvido pelos coordenadores de campo e suas equipes, assim como aos proprietários, colaboradores e pesquisadores regionais que nos apoiaram nesse Inventário, sem os quais não teríamos conseguido avançar e produzir o rico e belo material que ora estamos disponibilizando ao público.

Outro agradecimento, que não pode deixar de ser mencionado, é destinado aos demais profissionais que integraram as equipes institucionais de apoio e produção, responsáveis pela viabilização deste projeto.

É necessário registrar, por último, o agradecimento especial à arquiteta Francyla Bousquet, com quem já havíamos tido o privilégio de trabalhar nas fases 1 e 2 de nosso projeto, e que nesta última etapa assumiu conosco o desafio da Coordenação Técnica e Geral do Inventário das Fazendas. Os resultados alcançados, mais uma vez, comprovam a sua competência profissional, seriedade e sensibilidade, conduzindo com firmeza e sucesso os trabalhos que nos propusemos a realizar.

Finalizando esta apresentação e não obstante todos esses ganhos, reafirmamos a importância de continuarmos alimentando e perseguindo o propósito de que o próprio Inventário se transforme em um programa permanente de mapeamento e registro do nosso patrimônio rural. Somente conhecendo se pode preservar.

Dina Lerner
Coordenadora geral / INEPAC

Francis Miszputen
Produtora-executiva / ICCV